

**Universidade de Brasília**  
**Faculdade de Educação Física**

Renato de Moraes Yared

**ANÁLISE DO INVESTIMENTO NA FORMAÇÃO DE ATLETAS DE ELITE DO  
BRASIL: COMPARAÇÃO DOS RESULTADOS OLÍMPICOS DE 2008 A 2016**

Brasília, DF  
2018

**Renato de Moraes Yared**

**Análise do investimento na formação de atletas de elite do Brasil:  
comparação dos resultados olímpicos de 2008 a 2016**

Trabalho apresentado à Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Educação Física.

Orientador: Paulo Henrique Azevedo

Co-orientador: Alexandre Lima de Araújo Ribeiro

Brasília, DF  
2018

## Sumário

Resumo .....	5
Abstract .....	6
Introdução .....	7
Materiais e Métodos .....	10
Sports Policy factors Leading to International Sporting Success .....	11
Resultados e Discussão .....	12
Conclusão .....	17
Referências .....	18

**Análise do investimento na formação de atletas de elite do Brasil:  
comparação dos resultados olímpicos de 2008 a 2016**

Investimento na formação de atletas de elite e seus resultados olímpicos

Renato de Moraes Yared <sup>1</sup>

Paulo Henrique Azevêdo <sup>1</sup>

Alexandre Lima de Araújo Ribeiro <sup>2</sup>

Filiação

<sup>1</sup> Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília

<sup>2</sup> Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade de  
Brasília

Endereço para correspondência: Renato de Moraes Yared

renatoyared@gmail.com

Universidade de Brasília – UnB, Brasília, Distrito Federal.

Endereço: Campus Universitário Darcy Ribeiro – Gleba B

Asa Norte, Brasília, Distrito Federal – DF, CEP: 70910-970

## Resumo

**Introdução:** Para que o esporte possa ser desenvolvido e representado com excelência é necessário que haja estratégia, planejamento e execução conjunta em uma prestação de serviços de qualidade. Desta forma, para analisarmos como funciona a formação de atletas brasileiros, precisamos olhar o modelo de gestão que é empregado pelas confederações, e seus investimentos feitos. Portanto, o objetivo deste estudo é analisar o investimento feito pelo Comitê Olímpico Brasileiro (COB) na formação de atletas e compará-los com os resultados esportivos do Brasil. **Metodologia:** Pesquisa de caráter descritivo e documental, que utilizou como instrumento de análise e avaliação técnica a *Sports Policy factors Leading to International Sporting Success* (SPLISS) e seus indicadores junto aos balancetes do COB de 2009 a 2017. **Resultados:** Os valores investidos no esporte brasileiro são semelhantes aos britânicos e americanos, contrastando com os novos atletas participantes em Olimpíadas. Além disso, a gestão e sucesso esportivo no Brasil também encontram-se abaixo dos demais. **Conclusão:** O Brasil ainda está longe de ter uma boa formação de base e sucesso esportivo. Conclui-se ainda que são necessárias mudanças nos dirigentes, com a finalidade de capacitá-los e qualificá-los para uma melhor gestão do esporte brasileiro.

**Palavras-chave:** Investimento; Atletas de Elite; Esporte Olímpico; SPLISS.

## **Abstract**

**Introduction:** In order for sports to be developed and represented with excellence, there is a need for strategy, planning and joint execution in a quality service delivery. In this way, to analyze how the training of Brazilian athletes works, we need to look at the management model that is used by the confederations, and their investments made. Therefore, the objective of this study is to analyze the investment made by the Brazilian Olympic Committee (COB) in the training of athletes and to compare them with the sporting results of Brazil. **Methodology:** Descriptive and documentary research, which used as an instrument of analysis and technical evaluation the Sports Policy factors Leading to International Sporting Success (SPLISS) and its indicators with the balance sheets of the COB from 2009 to 2017. **Results:** The values invested in sports are similar to the British and American, contrasting with the new athletes participating in the Olympics. In addition, the management and sports success in Brazil are also below the others. **Conclusion:** Brazil is still far from having a good basic training and sporting success. It is also concluded that changes are necessary in the managers, with the purpose of qualifying them and qualifying them for a better management of the Brazilian sport.

**Keywords:** Investment; Elite Athletes; Olympic Sport; SPLISS.

## Introdução

O Jogos Olímpicos na forma que conhecemos, hoje, originou-se em 1894 com a proposta do francês Pierre de Coubertin, popularmente conhecido como Barão de Coubertin. Tal proposta, tinha como intenção internacionalizar os esportes e promover um ambiente em que a guerra não estivesse presente. Dessa forma criou-se então o Movimento Olímpico, o qual tem como objetivo contribuir para a construção de um mundo melhor e mais pacífico, utilizando-se do esporte não apenas para competir, e sim educar a juventude, conforme o espírito olímpico descrito na Carta Olímpica, que, entre outros, abrange a compreensão mútua, o espírito de amizade, a solidariedade e o *Fair Play* (*International Olympic Committee, 2015*).

O *International Olympic Committee* (COI) é a entidade máxima do Movimento Olímpico, no mundo. No Brasil a entidade filiada ao COI, e que nos representa, é o Comitê Olímpico Brasileiro (COB), que foi criado em 1914 com o nome de Comitê Olímpico Nacional, junto a Federação Brasileira de *Sports* (FBS), que 2 anos mais tarde tornou-se a Confederação Brasileira de Desportos (CBD). Naquela época, o COI não exigia que os países filiados tivessem seus comitês, o que tornou o Brasil um dos primeiros da América a criar seu próprio comitê, exigindo assim uma aceleração do processo de organização do esporte brasileiro. O que está diretamente ligado a principal missão do COB: desenvolver e representar com excelência o esporte olímpico de alto rendimento do Brasil <sup>1</sup>.

Para que o esporte possa ser desenvolvido e representado com excelência é necessário que haja estratégia, planejamento e execução conjunta em uma prestação de serviços de qualidade. Desta forma, para analisarmos como funciona a formação de atletas brasileiros, precisamos olhar o modelo de gestão que é empregada pelas confederações, e os investimentos feitos.

O esporte brasileiro, a partir de 1941, é dividido em 3 partes, com o, extinto, Conselho Nacional de Desportos<sup>2</sup> sendo o órgão máximo e hierárquico (Nolasco, Bitencourt, Paoli, Gomes, & Castro, 2006). Essas partes que surgiram nesse Sistema Nacional do Desporto são as confederações, em

---

1 <https://www.cob.org.br/pt/cob/comite-olimpico-do-brasil/proposito-valores>

2 [https://pt.wikipedia.org/wiki/Conselho\\_Nacional\\_de\\_Desportos](https://pt.wikipedia.org/wiki/Conselho_Nacional_de_Desportos)

âmbito nacional, as federações, em âmbito estadual, e as ligas, em âmbito municipal, com os clubes sendo a base de todo esse sistema.

O principal meio de arrecadação do COB é oriundo da Lei Nº 10.264 de 16 de julho de 2001, conhecida como Lei Agnelo Piva<sup>3</sup>, que destina 2% da arrecadação bruta de loterias federais diretamente para o COB e para o Comitê Paraolímpico Brasileiro (CPB). Dessa porcentagem, 85% vai para o COB e 15% para o CPB, com a obrigação de aplicar 10% no esporte escolar e 5% no esporte universitário. Com a criação da Lei Nº 13.146 de 6 de julho de 2015, conhecida como Lei de Inclusão a Pessoa com Deficiência, a porcentagem da arrecadação bruta de loterias federais aumentou para 2,7%, e o repasse para o CPB, que antes era de 15% passou a 37,04%<sup>4</sup>.

O dinheiro recebido pelas confederações é aplicado em 6 categorias (Tabela 1): (a) programas e projetos de fomento, (b) manutenção da entidade, (c) formação de recursos humanos, (d) preparação técnica, (e) manutenção de atletas e (f) organização e participação em eventos esportivos (Mazzei, Bastos, Böhme, & De Bosscher, 2014). Toda essa operação feita pelas confederações e pelo COB são fiscalizadas e auditadas pelo Tribunal de Contas da União.

Tabela 1 - Valores investidos pelo COB nas 6 categorias

Ano	Programas e Projetos	Manutenção da Entidade	Formação de RH	Preparação Técnica	Manutenção de Atletas	Eventos Esportivos	Total (em milhões R\$)
2011	7,3	29,1	0,47	6,9	0,00	12,9	56,67
2012	14,9	28,7	0,13	7,9	0,00	15,7	67,33
2013	19	27	0,19	9,4	0,00	6,7	62,29
2014	7,8	34,1	0,8	10	0,4	8,6	61,7
2015	8,8	36,1	1	12,4	0,1	12,8	71,2
2016	9,6	41,1	1,3	13,9	0,08	20,2	86,18
2017	13,2	17,4	0,7	29,8	2,2	40,5	103,8
Total	80,6	213,5	4,59	90,3	2,78	117,4	509,17

Fonte: Site oficial do COB <sup>5</sup>.

O COB instituiu que (a) programas e projetos de fomento são candidaturas para eventos internacionais, aquisição de equipamentos e materiais, administração de unidades como centros, museu e academia olímpicos; (b) manutenção da entidade é a manutenção administrativa do COB e das

3 [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/LEIS\\_2001/L10264.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/LEIS_2001/L10264.htm)

4 <http://www.brasil2016.gov.br/pt-br/incentivo-ao-esporte/lei-agnelo-piva>

5 <https://www.cob.org.br/pt/cob/transparencia/orcamento-das-confederacoes>

confederações brasileiras; (c) formação de recursos humanos é a realização e participação em eventos técnicos e a formação de mão-de-obra especializada no esporte; (d) preparação técnica é o treinamento de equipes, infraestrutura, contratação e remuneração de comissões técnicas; (e) manutenção de atletas é o pagamento de despesas diversas de treinamento e competições nacionais e internacionais; e (f) organização e participação em eventos esportivos é a realização e participação em treinamentos e competições nacionais e internacionais (Almeida & Júnior, 2011).

O valor de repasse para as confederações é definido através de critérios estabelecidos no início de cada ciclo olímpico. No ciclo de 2005 a 2008 as confederações foram divididas em 3 blocos, sendo que o primeiro bloco continha 11 confederações, que recebiam 2% do total; o segundo bloco recebia entre 2,1% e 5%, e contia 9 confederações; o último bloco recebia mais que 5%, e contava com 8 confederações. No ciclo de 2009 a 2012, as confederações foram divididas em 4 grupos, através de meritocracia. Em 2013, com o novo ciclo para as Olimpíadas que ocorreriam no Rio de Janeiro, o repasse foi feito de acordo com a projeção de medalhas, transparência das confederações e os resultados dos esportes em mundiais e campeonatos. No atual ciclo o repasse possui mais critérios técnicos<sup>6</sup>.

O valor de repasse obtido influencia as ações de cada entidade, uma vez que as confederações que recebem um maior valor do COB conseguem desenvolver uma melhor infraestrutura, sendo assim as confederações de melhores resultados esportivos (Almeida & Júnior, 2011). Porém, para que hajam bons resultados esportivos em alto rendimento, é necessário que exista uma estrutura e profissionais capacitados para que o atleta esteja apto a competir em nível de igualdade com outros atletas.

Desta forma, alguns esportes necessitam de uma estrutura melhor que outros, em virtude da sua complexidade. Então, o que seria natural é que certas confederações deveriam receber mais dinheiro do COB e mais ajuda para obter patrocínios estatais ou privados para que possam obter uma estrutura que é mais cara. Porém, o que ocorre no Brasil é que muito dos repasses passam por diversas burocracias porque os projetos dependem da aprovação

do COB. A maioria desses repasses são mal geridos ou não conseguem passar pela burocracia imposta pelo COB (Almeida & Júnior, 2011).

No estudo de Mazzei et al. (2014) foram detalhados os gastos que as confederações tiveram até 2012, onde puderam analisar que grande parte do dinheiro investido foi utilizado para candidaturas de campeonatos e participação em competições esportivas. Isso é importante para o atleta adquirir experiência, mas não é parte essencial no desenvolvimento e formação do atleta. Este ponto foi, também, analisado pelos autores, que viram que o investimento em centros de treinamento e formação de recursos humanos ficaram bem abaixo do que poderia. Portanto, o foco do investimento das Confederações e Federações foi a preparação técnica e viagens para campeonatos, o que pode não ser o suficiente para tornar uma equipe ou um atleta medalhista olímpico em sua modalidade, o que seria seu auge. É então necessário que o atleta tenha uma estrutura qualificada que o auxilie para atingir o máximo de seu rendimento em um determinado ciclo olímpico, culminando com sua participação nas Olimpíadas.

Além da estrutura necessária, é preciso que o atleta esteja com foco total voltado para seu esporte. Mazzei et al. (2014) fala que um dos problemas do Brasil é que com a falta de estrutura, muitos dos atletas tentam a sorte sozinhos, dividindo seu tempo entre o trabalho para conseguir sustentar o esporte e o seu treinamento. O Brasil tem uma política chamada Bolsa Atleta que destina dinheiro como forma de salário para alguns atletas<sup>7</sup>. Nesta bolsa existem categorias para englobar todos os possíveis atletas, desde o atleta da base ao olímpico. Outra forma de se obter um salário é a Bolsa Atleta Pódio, criada em 2011, que destina-se aos atletas com chances de conquista de medalhas<sup>8</sup>.

*Desta forma, o objetivo deste estudo é analisar o investimento feito pelo COB na formação de atletas e compará-los com o sucesso esportivos do Brasil.*

---

7 <http://www2.esporte.gov.br/snear/bolsaAtleta/sobre.jsp>

8 <http://www.brasil2016.gov.br/pt-br/incentivo-ao-esporte/bolsa-atleta-podio>

## **Materiais e Métodos**

Essa pesquisa é de caráter descritivo e documental, que observou, registrou e analisou fatos ou fenômenos (variáveis), em documentos, sem manipulá-los (CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino; SILVA, 2014). Como instrumento de análise e avaliação técnica foi utilizado a *Sports Policy factors Leading to International Sporting Success* (SPLISS) e seus indicadores junto aos balancetes do COB de 2009 a 2017.

### ***Sports Policy factors Leading to International Sporting Success***

A SPLISS é uma rede de cooperação em pesquisa que coordena, desenvolve e compartilha conhecimento em inovação na pesquisa de política de alta performance em cooperação com políticos, Comitês Olímpicos Nacionais, Organizações Internacionais e pesquisadores pelo mundo.

A SPLISS é baseado em 9 pilares (Figura 1) que mostram o nível de sucesso esportivo que um determinado país tem e possa vir a ter (Meira, Bastos, & Bohme, 2012). Cada pilar tem indicadores de sucesso, o que torna uma boa ferramenta para analisar o esporte brasileiro e os investimentos feitos.

Figura 1 – Os 09 pilares do SPLISS.



Fonte: Observatório do Esporte <sup>9</sup>.

Dos 9 pilares apresentados na Figura 1, para este trabalho utilizou-se apenas os pilares 1 (Suporte Financeiro), 2 (Organização e Estrutura de Políticas para o Esporte), 3 (Participação e Esporte de Base), 4 (Identificação de Talentos e Sistema de Investimentos) e 7 (Desenvolvimento e Suporte para Técnicos), que representam investimentos em formação de base e de pessoas capacitadas para determinado esporte.

Por essa rede possibilitar a comparação entre países, utilizou-se a então como analogias os Estados Unidos e o Reino Unido, que são países com reconhecido sucesso esportivo, a fim de encontrar onde o Brasil pode melhorar. Esse nível de comparação é feito através de 3 níveis: macro, médio e micro nível com fatores que podem ou não influenciar tais como as políticas destinadas ao esporte.

O macro nível é aquele que as pessoas estão vivendo no contexto social e cultural, enquanto que o meso nível está relacionado as políticas públicas e políticas esportivas, e o micro nível ao talento do atleta e o ambiente a sua

<sup>9</sup> <http://observatoriodoesporte.mg.gov.br/wp-content/uploads/2013/12/SPLISS-imagem-2.png>

volta, com alguns fatores que são controláveis, como as táticas, e outros que não controláveis, como a genética.

## **Resultados e Discussão**

O objetivo deste estudo foi analisar o investimento feito pelo COB na formação de atletas e compará-los com o sucesso esportivo do Brasil, portanto analisamos as políticas esportivas no Brasil e as comparamos com os Estados Unidos e o Reino Unido.

O Brasil é um dos países mais antigos a estarem filiados ao COI. Desde que começou sua participação em 1920, ficou de fora em apenas 1 edição dos Jogos Olímpicos, em 1928, na Holanda. Logo era aceitável que o Brasil, hoje em dia, fosse um dos mais tradicionais e disputasse o topo com outros países. Mas não é isso que ocorre, o Brasil não tem números expressivos como os Estados Unidos, por exemplo.

Devido a crescente profissionalização do esporte, no qual apenas a vitória importa, uma vez que há uma demasiada cobrança por parte dos diretores, patrocinadores e consumidores do esporte (Prado, Ribeiro & Azevêdo, 2016), comparar a diferença de medalhas (Tabela 2) do Brasil com os Estados Unidos é algo complicado, mas que demonstra a real noção de como uma formação capacitada e qualificada, aliada ao investimento correto, ajuda na obtenção do sucesso esportivo. O Reino Unido é o mais fácil de comparar pois tem um modelo de financiamento semelhante ao brasileiro (loterias e patrocínios), e isso não era representativo, no quadro de medalhas, até o início deste século, quando implantaram este modelo após o vexame em Atlanta (1996), onde conseguiram apenas uma medalha, e então resolveram mudar suas políticas esportivas. Desde então o Reino Unido tem subido posições no quadro de medalhas a cada olimpíada.

Tabela 2 - Quadro de medalhas do Brasil, Estados Unidos e Reino Unido.

<b>Ano</b>	<b>Brasil</b>	<b>Estados Unidos</b>	<b>Reino Unido</b>
2012	17	103	65
2016	19	121	67

Fonte: adaptado pelo autor.

Entender porque os Estados Unidos possuem esta hegemonia no esporte não é muito difícil, pois além de ser o país mais rico do planeta, por anos, eles possuem uma das melhores estruturas para atletas de alto rendimento, que são dois dos 3 fatores (apoio financeiro e sistema olímpico integrado; o 3º fator é talento esportivo) elencado por De Bosscher, De Knop, Van Bottenburg, & Shibli (2006).

Observando sobre o ponto de vista do investimento (Tabela 3) os americanos não são tao distantes dos brasileiros, a principal diferença é que eles não recebem ajuda do governo federal para os esportes, grande parte do dinheiro arrecadado vem de patrocínios e doações. No Reino Unido, os investimentos são parecidos com o do Brasil mas a diferença é que o foco dos investimentos são em esportes que são potencias no pais e em potencias medalhistas. Dá para observar que o Brasil não fica atrás em questão de investimento, mas fica atrás em como o dinheiro é utilizado. Esse investimento também ajuda aos atletas terem as pessoas mais capacitadas e com as melhores estruturas possíveis, o que impacta na tabela 2 e na tabela 4, onde tem os atletas iniciantes.

Nesta tabela é ainda possível constatar que houve um aumento tanto nos investimentos britânicos quanto nos brasileiros, pois eram as sedes olímpicas do ano de 2012 e 2016, respectivamente.

Tabela 3 – Investimento em esporte olímpico no Brasil, Reino Unido e EUA.

<b>Ano</b>	<b>EUA (\$)</b>	<b>Reino Unido (£)</b>	<b>Brasil(R\$)</b>
2012	74,3	32	84
2013	72,5	62	96
2014	74,3	63	102
2015	75,8	73	127
2016	80,2	61	132

Fontes: Site oficial do Comitê Olímpico dos Estados Unidos (USOC); site oficial de organização do esporte de elite do Reino Unido (UKsport) e site oficial do Comitê Olímpico Brasileiro (COB)

O financiamento britânico engloba os esportes e os atletas. Uma parte do financiamento é revertida diretamente para atletas que são medalhistas em suas competições e para atletas que tem potencial de conquistar medalhas. Desde a mudança, em 2000, esse programa investe principalmente em

revelação de talentos, como cita Provenzano (2015). Outra parte do financiamento é feito para que os atletas tenham as melhores condições para que atinjam o máximo de potencial.

O Brasil tem algumas políticas relacionadas ao esporte além da lei Agnelo Piva. Em relação ao financiamento das federações, existe a possibilidade de doar e ter incentivos fiscais. Para pessoa física pode chegar a 6% de desconto e para pessoa jurídica é até 1% no lucro real das empresas. Em relação aos atletas, existem a bolsa atleta que engloba algumas categorias e existe desde 2005, que foi atualizado em 2011 com a criação da bolsa atleta pódio, que engloba atletas que disputam medalhas olímpicas.

Esta quantidade de investimentos impacta diretamente no número de medalhas e de novos atletas que surgem a cada olimpíada (Campos, 2017). A quantidade vista na Tabela 4 mostra o quão eficiente é o trabalho de formação dos países, principalmente os EUA que tem um trabalho de formação em conjunto as faculdades e que são grande maioria dos atletas iniciantes. Com a mudança da política britânica, citada por Provenzano (2015) é possível ver o impacto nas olimpíadas do Rio de Janeiro, onde quase 70% dos atletas eram novatos.

No Brasil, isso cabe aos clubes que estão na base da estrutura esportiva brasileira. O problema que além de não serem muito efetivos, a falta de campeonatos expressivos no país também atrapalha a criação de novos atletas. E outro problema é a falta de capacitação para técnicos e formação de pessoas capacitadas, que em conjunto com a falta de estrutura, faz com que os atletas tenham que sair do país para conseguir ter acesso aos melhores profissionais e estruturas de treinamento

Tabela 4 - Total de novos atletas em Olimpíadas entre Brasil, Reino Unido e Estados Unidos.

<b>Ano</b>	<b>Estados Unidos</b>	<b>Reino Unido</b>	<b>Brasil</b>
2012	301	65	135
2016	368	251	316

Fontes: Folha de São Paulo e Portal Brasil

Um outro dado que mostra como o Brasil é deficiente na produção de talentos olímpicos é a quantidade de atletas que vão para disputar medalhas. Enquanto por exemplo, os EUA vão para tentar conquistar mais de 90% das medalhas disputadas para qual seus atletas foram qualificados e o Reino Unido vai para disputar os esportes que já são tradicionalmente medalhistas, o Brasil não se tem uma ideia muito clara de quais esportes tem reais chances de conquistas. Tradicionalmente, os esportes coletivos são os mais prováveis de conquistar, principalmente vôlei e o futebol, duas das confederações que recebem verba de patrocínio e que são muito fortes em campeonatos internacionais. Mas, observando quais esportes conquistaram mais medalhas, o judô, a vela e o atletismo são os maiores medalhistas do Brasil (19,17 e 14 respectivamente) mas continuam não sendo uma quantidade expressiva de medalhas. Se compararmos com os EUA, foram 29 em Londres e 32 no Rio, o que mostra que em 1 olimpíada eles passam com folga o número total do Brasil.

Um fato importante a ser citado é que, de acordo com o site do COB, os 3 esportes acima citados e suas confederações não foram as que mais receberam repasses nos 2 ciclos olímpicos (Londres e Brasil). Isso mostra que o direcionamento e a meritocracia não estão sendo bem utilizadas para os repasses, o que torna difícil uma renovação ou uma melhora na performance dos atletas.

Um estudo de Bohme quantificou os pilares do SPLISS em relação ao esporte de alto rendimento brasileiro, de tal modo que:

- No 1º pilar, que é focado no suporte financeiro destinado aos esportes. Nele, existem 4 indicadores e foram analisados 8 dos 17 fatores sendo em 47% foram observados fatores de sucesso, 18% foram observados parcialmente, e 35% não obteve informação;
- No 2º pilar; o foco é na governança e políticas de desenvolvimento. Nele existem 6 indicadores e 22 fatores, dos quais 9 ou 41% foram parcialmente observados. 27% não foram observados, 18% foram totalmente observados e 14% não tiveram informação
- No 3º pilar que é focado em trabalho de base. Este possui 3 indicadores e 21 fatores. O trabalho não observou 10 dos 21 fatores, ou seja, 43%, e

conseguiu observar 24% totalmente, 29% parcialmente, e 5% dos fatores não tiveram informação;

- No 4º pilar que tem seu foco no sistema de identificação e desenvolvimento de talentos. Nele tem 5 indicadores e 22 fatores. A doutora não conseguiu observar 13 dos 22 fatores, e os outros 9 foram parcialmente observados;
- O 7º pilar é focado no desenvolvimento e suporte para técnicos. Possui 4 indicadores e 17 fatores de sucesso. Neste, 7 dos 17 fatores foram parcialmente observados, 4 foram observados totalmente, 5 não foram observados, e 1 não possui informação;

## **Conclusão**

Conclui-se desse trabalho que é cada vez mais importante a aplicação correta dos investimentos feitos para que se obtenham resultados melhores em Olimpíadas. Com a mudança de financiamento feita, o Reino Unido vem ganhando e aumentando o número de medalhas a cada olimpíada mesmo que seu investimento seja em esportes que são tradicionalmente fortes no país, como por exemplo o ciclismo. Então, o Brasil precisa aplicar melhor os recursos na base e na formação de pessoal capacitado para que haja renovação a cada ciclo olímpico como ocorre com os 2 países citados no estudo. Isso vale também para quem comanda as confederações, uma vez que esses precisam estar capacitados para gerenciar os recursos de forma estratégica.

## Referências

- Almeida, B. S., & Júnior, W. M. (2011). Comitê Olímpico Brasileiro e o Financiamento das Confederações Brasileiras. *Revista Brasileira de Ciências Do Esporte*, 33(1), 163–179.
- Campos, V. F. (2017). *A performance dos países nos Jogos Olímpicos: uma análise da influência de fatores econômicos e não econômicos no desempenho olímpico das nações*. Insper Instituto de Ensino e Pesquisa.
- CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino; SILVA, R. da. (2014). Métodos e técnicas de pesquisa. In *Metodologia científica*.
- De Bosscher, V., De Knop, P., Van Bottenburg, M., & Shibli, S. (2006). A Conceptual Framework for Analysing Sports Policy Factors Leading to International Sporting Success. *European Sport Management Quarterly*, 6(2), 185–215. <https://doi.org/10.1080/16184740600955087>
- International Olympic Committee. (2015). Olympic Charter. *Olympic Charter*, (August), 1–110. <https://doi.org/10.1080/01436597.2016.1177455>
- Mazzei, L. C., Bastos, F. da C., Böhme, M. T. S., & De Bosscher, V. (2014). Política do esporte de alto rendimento no Brasil: Análise da estratégia de investimentos nas confederações olímpicas. *Revista Portuguesa de Ciências Do Desporto*, 14(2), 58–73.
- Meira, T. D. B., Bastos, F. D. C., & Bohme, M. T. S. (2012). Análise da estrutura organizacional do esporte de rendimento no Brasil : um estudo preliminar. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 26(2), 251–262. <https://doi.org/10.1590/S1807-55092012000200008>
- Nolasco, V. P., Bitencourt, V., Paoli, P. B., Gomes, E., & Castro, M. (2006). Administração / Gestão esportiva. In *Atlas do Esporte* (pp. 92–93).
- Prado, F. M., Ribeiro, A. L. A., Azevêdo, P. H. (2016). *Análise da relação entre a gestão financeira e o sucesso esportivo de clubes de futebol profissional no Campeonato Brasileiro*. Universidade de Brasília.
- Provenzano, T. D. (2015). *Modelo Esportivo Britânico: histórico e evoluções*.

U  
n  
i  
v  
e  
r  
s  
i  
d  
a  
d